

MIGRAÇÃO DE BRASILEIROS: UM OLHAR SOBRE O CONTEXTO EDUCACIONAL NA ALEMANHA¹

Laís Martendal², Gláucia de Oliveira Assis³, Isabel Hirt da Silva⁴

¹ Vinculado ao projeto “Famílias transnacionais: gênero e educação”

² Acadêmica do Curso de Bacharelado em História – FAED – Bolsista PROBAL

³ Orientadora, Departamento de História, FAED – galssis@gmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Bacharelado em História - FAED - Bolsista PROBAL

Desde a Segunda Guerra Mundial, o continente europeu foi marcado por um intenso fluxo imigratório que por vezes questionava as noções de Estado-Nação que conhecemos. Entre os países, a Alemanha teve um papel de importância, tendo recebido milhares de migrantes. Para além do contingente, o que chama atenção neste país são as transformações em relação às políticas voltadas aos imigrantes, proporcionando um cenário, no geral, de melhorias. Após 1998, muitas leis foram compondo este novo panorama imigratório no país. Leis que de forma mais intensa foram projetando possibilidades de residência e medidas antidiscriminatórias, por exemplo, enquanto políticas de amparo aos migrantes. Além disso, em 2010, é possível afirmar que a composição de leis e a estrutura no geral para os migrantes era consideravelmente abrangente.

Entre os migrantes da Alemanha, os brasileiros ocupam um papel relevante, sendo sobre eles que esta pesquisa é centrada. De todo modo, pode-se dizer que no país alemão estão registradas aproximadamente 85 mil pessoas com histórico de residência relacionada à migração vinda do Brasil. O número é considerável e existem muitos casos em que brasileiros não constam nestes números, caso daqueles que já adquiriram a nacionalidade alemã por exemplo.

Partindo desses pressupostos e também do notável alto índice de mulheres - na chamada feminização da migração -, a pesquisa “Famílias transnacionais: gênero e educação” tem, sobretudo, realizado variados estudos a fim de perpassar fluxos contemporâneos da migração de brasileiros e brasileiras rumo à Alemanha. Dessa forma, buscamos vislumbrar traços, para além dos perfis dos/as migrantes, em que se percebem as complexas relações sociais e de sociabilidade dos mesmos nas experiências migratórias.

Assim, o presente trabalho teve como objetivo evidenciar o contexto educacional para os filhos e filhas de imigrantes brasileiros na Alemanha, trazendo para o debate um fator importante: o sistema escolar tripartite alemão. Lá, as escolas têm enquanto segmentações o *Hauptschule* e o *Realschule* que direcionam os alunos para o ensino técnico; e o *Gymnasium*, ensino que permite o acesso às universidades. Caminhos estes que acontecem e são bifurcados quando as crianças atingem os 10 anos de idade e que certamente têm papel importante no futuro delas.

Na pesquisa, temos a realização de entrevistas por parte da professora e coordenadora Gláucia de Oliveira Assis. Ela juntamente da professora Sueli Siqueira realizou conversas com brasileiras e brasileiros que foram para a Alemanha. A metodologia consiste, deste modo, na utilização da entrevista concedida por Mariana (pseudônimo de uma das entrevistadas). Especificamente utilizando-se esta para a discussão pois a migrante em questão tem duas filhas

que tiveram experiências no sistema escolar alemão, ou seja, tem um perfil diferenciado das outras entrevistas concedidas.

Acerca da entrevista, foi possível vislumbrar que a mãe não é favorável à forma de funcionamento do sistema educativo alemão. Ou, ao menos, é perceptível que há uma dificuldade de lidar com as características das escolas alemãs, algo que entra em diálogo com os debates de especialistas que estudam a migração brasileira para lá. Num trecho, Mariana diz que “uma crítica que eu faço, eu e várias pessoas que conheço, é que a criança está muito novinha ainda para já ser taxada: “você é boa nisso então você vai nesse caminho, você não é boa nisso então você não vai nesse caminho”. Eu acho muito complicado, no final desses três últimos anos você senta com o professor e é praticamente ele que define para qual caminho seu filho vai: se ele vai pro ginásio, aonde lá na frente vai poder fazer um estudo e vai ser um médico, advogado, dentista (um curso superior); ou se ele vai para o outro caminho aonde ele vai fazer um curso técnico. Então assim, eles olham a criança aqui muito dessa forma [...].” (12/10/2020). É válido apontar ainda que a filha mais velha de Mariana não foi para o *Gymnasium*, e sim para o ensino técnico. Diferentemente de sua outra filha, que foi diretamente para o *Gymnasium*.

Desta forma, a partir da entrevista e de discussões teóricas tais quais Sara Fürstenau (2015), Javier Carnicer (2016), Joana Bahia (2016), Glauco Feijó (2020) e Simon Green (2013), a pesquisa e as considerações puderam ser elaboradas para o presente trabalho o qual tem enquanto recorte a educação dos filhos de migrantes brasileiros na Alemanha e suas repercussões.

Posto isso, a entrevista com a brasileira Mariana e a experiência dela com duas de suas filhas na formação escolar alemã foram de relevância para mostrar um pouco mais de perto como funciona o sistema educativo alemão e o seu impacto aos filhos de migrantes - eles que em sua maioria compõem os dois segmentos de ensino técnico nas escolas. Além de elencar esse caráter que liga os imigrantes às desigualdades no acesso da universidade, é importante salientar que uma das filhas de Mariana sofreu discriminações por ser brasileira numa das escolas que frequentou. De todo modo, esta entrevista foi um caso analisado em consonância com os debates teóricos apontados, e, como tal, denota-nos percepções acerca do contexto educacional da Alemanha, a exemplo das dificuldades dos brasileiros postas em questão. Lembremos, por último, que a conjuntura transnacional Brasil-Alemanha é subjetiva e formada por experiências diversas, contudo esta condição não nega as adversidades estudadas que são percebidas nas vivências em solo alemão.

Palavras-chave: Migração brasileira. Educação. Alemanha.